

Fator Malan agita quadro sucessório para 2002

Interlocutores do governo e empresários sobre possível apoio financeiro à possível candidatura do ministro da Fazenda

João Domingos e Odail Figueiredo
de Brasília

Nas últimas semanas, a maioria das pessoas que tem ido a audiências com o ministro da Fazenda, Pedro Malan, inevitavelmente pergunta se ele é candidato à sucessão do presidente Fernando Henrique Cardoso. Nos gabinetes de parlamentares influentes em Brasília existe a informação de que interlocutores do governo estão sondando empresários ligados à Fiesp, à Firjan, Febraban e a outras entidades para saber qual seria a reação deles a uma possível candidatura de Malan à Presidência da República e, no caso de aceitarem, se dariam apoio financeiro à campanha de sucessão.

O ministro nega. Já tem até uma frase padrão a quem o questiona: "Para ser candidato, é preciso vocação e paixão política. Não tenho nenhuma das duas; nem voto eu tenho".

Os assessores da Malan chegam a dizer que o chefe fica incomodado com a repetição da pergunta. Insiste em ser apenas o economista que sempre foi. Mas sabe que existem articulações que tentam fazer do burocrata um político.

Em 20 de março, por exemplo, numa solenidade na Associação Comercial da Bahia, o presidente do Senado, Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA), elogiou Malan durante discurso, acrescentando, na frente do ministro: "Ele está preparado para ocupar outras funções".

Ao chegar a Brasília, ACM foi indagado a respeito do que significava aquela frase. Ele não se perturbou e respondeu: "Malan é um excelente candidato à sucessão de Fernando Henrique; só precisa apurar a sua sensibilidade social".

Antonio Carlos Magalhães é um político com experiência de mais de 40 anos de vida pública. Vez por outra, o senador puxa a orelha de Pedro Malan publicamente, apesar de todos saberem que é um dos principais sustentáculos do ministro. Antes de dizer que Malan precisa apurar a sua sensibilidade social para ser candidato a presidente da República, Antonio Carlos chegou a afirmar que o ministro da Fazenda, infelizmente, não conhecia pessoalmente nenhum pobre. Isso, durante os debates sobre a criação de um fundo da pobreza, idéia defendida

pelo senador baiano.

Michel Camdessus, ex-diretor-gerente do FMI, ao qual a oposição dispensou durante anos todas as críticas possíveis, também viu com preocupação a distância com que Malan trata os problemas sociais e disse, recentemente, que o ministro precisava dar mais atenção a essa

área. Pedro Malan não deixou a provocação sem resposta. Mandou uma carta a Camdessus. O seu teor não é conhecido. Mas a opinião do ministro da Fazenda sobre a questão, sim. Ele acha que uma instituição como o Banco Mundial poderia falar com maior propriedade sobre preocupação com o social; o Fundo Monetário Internacional, jamais.

Malan é o terceiro ministro mais longo no cargo. Só Delfim Netto (1968 a 1973, nos governos Costa e Silva e Médici) e Artur de Souza Costa (1934 a 1945) ficaram mais tempo do que Malan à frente do Ministério da Fazenda. Delfim e Souza Costa foram ministros poderosos nos seus tempos. Malan também é. Frequente com desenvoltura o Palácio da Alvorada nos fins de semana. Às vezes almoça com o presidente e sua mulher, dona Ruth; às vezes fica só o tempo suficiente para fazer previsões sobre a economia na semana.

Um senador com trânsito no Palácio do Planalto diz que há hoje, no mundo político, a impressão de que o presidente da República opera para limpar possíveis resistências a Malan, seja entre seus próprios auxiliares, seja entre políticos tucanos, como o governador Mário Covas, de São Paulo. Esse mesmo senador diz ainda que por trás da suposta ação de Fernando Henrique Cardoso poderia estar uma tentativa de alcançar o terceiro mandato, já num regime parlamentarista.

Mas isso, lembra, é muito difícil, porque encontra oposição no próprio vice-presidente, Marco Maciel, que não considera mais possível fa-

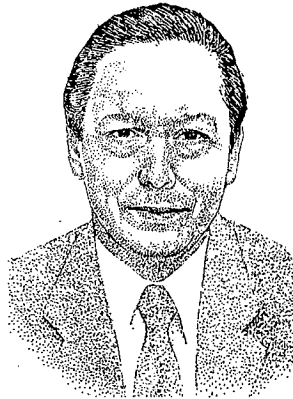
zer a troca de sistema de governo. Maciel é presidencialista e combate todas as articulações que vêm sendo feitas para que se promova um novo plebiscito sobre o sistema de governo. Considera que o de 7 de setembro de 1993 foi o definitivo e que a Constituição impede a realização de outra consulta.

Há, no Congresso, parlamentares que aprenderam a vigiar os passos de Pedro Malan, para tentar adivinhar suas eventuais pretensões políticas no futuro. Eles acham que o ministro da Fazenda mudou o comportamento nos últimos tempos. Passou a retornar ligações feitas por deputados e senadores, faz manifestações simpáticas, próprias dos políticos, e liga para

prestar solidariedade a colegas que ocupam o cargo de ministro.

Entre os políticos, qualquer mudança de atitude de alguém, principalmente de alguém como Malan, é vista como aviso de que poderia estar pretendendo fazer-lhes companhia. Quando Malan disse que Luiz Inácio Lula da Silva e o PT são imaturos e que não se preocupam com a estabilidade econômica, durante um debate sobre a questão do salário mínimo, a manifestação foi entendida como um avanço do burocrata rumo a uma carreira política.

Outros acham que, se o ministro Malan tem mesmo pretensões políticas, deveria evitar ao máximo as notícias de que pode ser candidato à sucessão de Fernando Henrique Cardoso. Lembram que faltam quase três anos para a eleição e se expor agora é pedir para ser queimado. Geddel Vieira Lima (BA), líder do PMDB, diz que, na sua opinião, ninguém pode querer ser candidato a algum cargo que só vai ficar vago daqui a três anos. "Eu penso no futuro imediato, nos prefeitos que quero eleger em outubro. Na eleição presidencial nem sei se estarei vivo", diz o peemedebista. "Acho que



Pedro Malan

o ministro Malan é um homem muito sério, mas apostar em uma candidatura, agora, é perda de tempo."

Estudo

O cientista político Alexandre Barros, do Instituto Early Warning, fez um estudo analisando os critérios que levam os investidores, brasileiros e estrangeiros, a escolher o seu candidato à Presidência da República. Atualmente, o mais confiável para os investidores, segundo o estudo de Barros, seria o presidente Fernando Henrique Cardoso. Depois, viriam Marco Maciel, Tasso Jereissati, Pedro Malan, Antônio Carlos Magalhães e Mário Covas. Luiz Inácio Lula da Silva, do PT, ficaria lá atrás.

Barros diz que em seu trabalho utilizou 34 pesos relativos. Fernando Henrique, por exemplo, ficou à frente de Marco Maciel em 25 dos 34 itens. Tem, principalmente, mais apoio da classe baixa, maior reputação administrativa e carisma pessoal. Maciel ganhou de Jereissati em apoio à desregulamentação da economia, controle da inflação e oposição ao controle de preços.

Jereissati, por sua vez, ficou à fren-

te de Pedro Malan por ter mais apoio da classe média, da classe baixa e do empresariado e por ter mais carisma. Malan venceu ACM e Mário Covas no ranking dos cinco melhores lugares. É, segundo os investidores, mais previsível, fez o controle da inflação, não é populista nem clientelista. Falta-lhe ainda a veia política.

Alexandre Barros diz que em sua pesquisa pôs os nomes de todos os que já manifestaram a intenção de ser candidato a presidente da República, como Pedro Simon (RS), do PMDB, e aqueles que têm aparecido como possíveis candidatos, seja na mídia, seja entre o empresariado, como Malan.

"O nome de Pedro Malan apareceu porque ele é muito importante no contexto político de uma candidatura a presidente da República", afirma o cientista político. "Seja ele mesmo o candidato, seja cabo eleitoral de alguém. Não há como desconhecer que Malan fez o ajuste, domou a inflação e tem a economia sob controle." Os dirigentes da CNI e da Febraban não quiseram dar suas opiniões sobre uma possível candidatura de Malan.